

A Poesia Persa e *O Ruba'iyat* de Omar Khayyám de Naichapur

Gentil Saraiva Junior

Omar Khayyám de Naichapur nasceu em 1050 e morreu em 1123 ou 1132. Teve uma formação de cientista e trabalhou como astrônomo na corte do sultão Malik Chah. Fez parte do grupo que promoveu a reforma do calendário islâmico em 1074. No campo da matemática, contribuiu para a solução de equações de segundo e terceiro graus. Atuou ainda como diretor do Observatório de Bagdad.

Mas foi como poeta que ele se notabilizou. Um belo dia, desistiu de sua vida "estelar" e enveredou pelo caminho da poesia, produzindo versos, bebendo vinho e destinando mais tempo aos prazeres do mundo. Assim nasceu o *Ruba'iyat* (quadras).

Em meados do século passado, um homem de letras britânico chamado Edward Fitzgerald (1809-1883), em seus estudos de cultura oriental, entrou em contato com a obra de Omar. Imediatamente, seu refinado intelecto percebeu que se tratava do mais fantástico poeta persa, comparável em "força mental" a John Donne e Calderón, do qual ele traduziu seis peças. Possuidor de uma boa experiência em tradução literária, pois viera inclusive outros poetas persas para o Inglês, Fitzgerald iniciou a tarefa de recriar em sua língua aquelas deliciosas rosas do Irã.

Apesar de variarem as opiniões dos especialistas quanto à fidelidade ao original, as quadras de Fitzgerald revelam um alto valor artístico - Ezra Pound compartilha da mesma opinião. Vazadas em decassílabos heróicos e sáficos, com um esquema rímico aaba, elas exalam o aprazível aroma das delícias da vida.

Quanto a mim, procurei refazer em Português, sempre através de soluções compensatórias, a mesma estrutura da versão inglesa. É claro que, sendo a obra de Fitzgerald já uma condensação do original, pois seu intuito era não diluir a imagística omariana, a minha tarefa duplicou em dificuldade, devido à peculiar estrutura de nossa língua. Entretanto, pelo contínuo polimento da linguagem poética, logrei atingir, nessas poucas quadras que apresento, pelo menos uma parte do que tenho em mente em termos estéticos.

THE RUBÁIYÁT¹

I

AWAKE! for Morning in the Bowl of Night
Has flung the Stone that puts the Stars to Flight:
And Lo! the Hunter of the East has caught
The Sultan's Turret in a Noose of Light.

II

Dreaming when Dawn's Left Hand was in the Sky
I heard a Voice within the Tavern cry,
"Awake, my Little ones, and fill the Cup
Before Life's Liquor in its Cup be dry."

XIV

The Worldly Hope men set their Hearts upon
Turns Ashes or it prospers; and anon,
Like Snow upon the Desert's dusty Face
Lighting a little Hour or two — is gone.

XVI

Think, in this batter'd Caravanserai
Whose Doorways are alternate Night and Day,
How Sultan after Sultan with his Pomp
Abode his Hour or two, and went his way.

XVIII

I sometimes think that never blows so red
The Rose as where some buried Caesar bled;
That every Hyacinth the Garden wears
Dropt in its Lap from some once lovely Head.

XIX

And this delightful Herb whose tender Green
Fledges the River's Lip on which we lean —
Ah, lean upon it lightly! for who knows
From what once lovely Lip it springs unseen!

XXVII

Myself when young did eagearly frequent
Doctor and Saint and heard great Argument
About it and about: but evermore
Came out by the same Door as in I went.

XXXII

There was a Door to which I found no Key:
There was a Veil past which I could not see;
Some little Talk awhile of ME and THEE
There seemed — and then no more of THEE and ME.

O RUBÁIYÁT²

I

ACORDA! que a Manhã no Arco das Trevas
Deslocou as Estrelas com uma Pedra:
Vê! o Caçador do Leste já pegou
Em um Laço de Luz a Torre Persa.

II

Sonhando, com a Manhã no Céu à Esquerda,
Ouvi uma Voz aos gritos na Taverna:
"Levantem, meus Meninos, e encham a Taça:
Que na Taça da Vida o Licor cessa."

XIV

A Fé Profana que consome os Homens
Vira Cinza — ou prospera; e logo, como
Neve sobre o Deserto poeirento
Brilhando por uma breve Hora ou duas — some.

XVI

Pensa, nesta Estalagem já vazia,
Cujas Portas se alternam Noite e Dia,
Como Sultão após Sultão com Pompa
Gastou uma Hora ou duas, e partia.

XVIII

Sempre se abre bem rubra a Rosa onde
Sangrou um César que não mais responde;
Cada Jacinto que o Jardim ostenta
No Colo foi gerado em bela Fronte.

XIX

E a leve Relva cujo Verde brando
Orna a Beira do Rio em que deitamos —
Ah, se estenda de manso! pois quem sabe
De que bela Ribeira andou brotando!

XXVII

Eu quando jovem freqüentei atento
Doutor e Santo ouvindo o Argumento
A respeito de tal e tal: mas sempre
Saí na mesma Porta que fui dentro.

XXXII

Havia uma Porta que eu não pude abrir;
Havia um Véu pelo qual nada vi;
Pouca Conversa pois de TI e MIM
Se ouviu - e então não mais de MIM e TI.

¹ CLARK, Donald B. et alii. The Rubáiyát of Omar Khayyám de Naishápur. In: *English Literature*. New York, The MacMillan Company, 1960. p.808-13.

² Traduzido da versão inglesa de Edward Fitzgerald por Gentil Saraiva Junior.

XXXVI

For in the Market-place, one Dusk of Day,
I watched the Potter thumping his wet Clay:
And with its all-obliterated Tongue
It murmur'd — "Gently, Brother, gently, pray!"

XXXIX

How long, how long, in infinite Pursuit
Of This and That endeavour and dispute?
Better be merry with the fruitful Grape
Than sadden after none, or bitter, Fruit.

XLI

For "Is" and "Is-not" though WITH Rule and Line
And "Up-and-Down" WITHOUT, I could define,
I yet in all I only cared to know,
Was never deep in anything but — Wine.

XLVI

For in and out, above, about, below,
'Tis nothing but a Magic Shadow-show,
Played in a Box whose Candle is the Sun,
Round which we Phantom Figures come and go.

XLVIII

While the Rose blows along the River Brink,
With old Khayyám the Ruby Vintage drink:
And when the Angel with his darker Draught
Draws up to Thee — take that, and do not shrink.

LXV

Then said another with a long-drawn Sigh,
"My Clay with long oblivion is gone dry:
But, fill me with the old familiar Juice,
Methinks I might recover by and by!"

LXXIV

Ah, Moon of my Delight, who know'st no wane,
The Moon of Heaven is rising once again:
How oft hereafter rising shall she look
Through this same Garden after me — in vain!

XXXVI

Pois eu vi no Mercado, um Fim de Dia,
O Oleiro socando Argila fria:
Enquanto ela, com a Voz obliterated —
"Por favor, vá com calma, Irmão!", pedia.

XXXIX

Por quanto tempo, na infinita Busca
Daquilo e Disto empenha-se e disputa?
É melhor ser feliz com a fértil Uva
Que triste sem nenhuma, ou amarga, Fruta.

XLI

"Ser" e "Não-ser" COM Regra e Linha alinho
E "Alto-e-Baixo" SEM eu bem defino,
No entanto, de tudo que aprendi,
Nunca fui fundo em nada, exceto em — Vinho.

XLVI

Pois dentro e fora, acima, em volta, abaixo,
Não passa de um Show-de-Sombra Mágico,
Feito num Palco em que a Vela é o Sol,
E em roda dele nós, Vultos Fantásticos.

XLVIII

Quando a Rosa floresce na Ribeira,
Com o velho Khayyam Rubro Vinho beba:
E quando o Anjo com o Barril escuro
Vier a ti — não fuja, e recebe.

LXV

Então disse outro com um Suspiro lento,
"Minha Argila secou com o esquecimento:
Mas, encha-me com o velho íntimo Suco,
Que eu me recobrarei aos poucos — penso!"

LXXIV

Ah, Lua de meu Prazer, nunca minguante,
A Lua do Céu vai subindo adiante:
Quantas vezes subindo no futuro
Me encontrará neste Jardim — sem chance!